

# O futuro anterior de Nietzsche: “tornar-se o que se é” como tarefa filosófica em *Ecce Homo*

*Nietzsche's Future Perfect: "Becoming what one is" as a philosophical task in Ecce Homo*

Romano Scroccaro Zattoni<sup>1</sup>

## Resumo

Este artigo tem o objetivo de apresentar uma análise da fórmula nietzschiana “como tornar-se o que se é”, em seu estatuto como tarefa filosófica tal como descrita no parágrafo 9 do capítulo “Porque sou tão inteligente” de *Ecce Homo* (1888). Para isso, toma-se como chave de leitura o conceito de “futuro anterior”, desenvolvido a partir de uma interlocução com a narratologia e que tem como objetivo oferecer um tratamento teórico adequado à complexidade temporal da noção de tarefa em Nietzsche. Na primeira parte do texto, argumenta-se que o ato de “tornar-se o que se é” não pode ser tomado como objeto de uma intencionalidade racional, portanto não pode ser antecipado. Em seguida, desenvolve-se formalmente o conceito de “futuro anterior” e apresenta-se sua vantagem teórica. Por fim, realiza-se uma análise dos movimentos de prospecção e retrospectão presentes na relação entre discurso autobiográfico e tarefa filosófica futura no texto nietzschiano.

**Palavras-chave:** Autobiografia. Futuro Anterior. Tarefa Filosófica. Nietzsche. *Ecce Homo*.

## Abstract

In this paper we present an analysis the Nietzschean formula “how one becomes what one is”, understood like a philosophical task, as described in the paragraph 9 of the chapter “Why I am so clever” from *Ecce Homo* (1888). Therefore, we make use of the concept of “future perfect”, developed in a dialogue with the narrative theory and which aims to offer an appropriate theoretical treatment to the temporal complexity of the notion of task by Nietzsche. In the first part of the paper, we argue that the act of “becoming what one is” cannot be taken as the object of rational intentionality, thus, cannot be anticipated. Thereafter, we formally develop the concept of “future perfect” and we point its theoretical advantages. Finally, we analyze the movements of propection and retrospection that take place in the relation between autobiographical discourse and philosophical task in Nietzsche’s text.

**Keywords:** Autobiography. Future Perfect. Philosophical Task. Nietzsche. *Ecce Homo*.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná. Curitiba, PR, Brasil. E-mail: romanozattoni@gmail.com

## Introdução

Autobiografia tem sido um termo tradicionalmente utilizado para caracterizar a obra *Ecce Homo* (1888) de Nietzsche.<sup>2</sup> Trata-se de uma denominação facilmente justificável a partir de uma definição literal de autobiografia, como ato de escrever em primeira pessoa sobre si mesmo,<sup>3</sup> pois, de fato, o filósofo realiza uma interpretação retrospectiva acerca de seus escritos e de certos eventos de sua vida. O rótulo “autobiografia” descreve a existência de uma determinada modalidade narrativa no texto, contudo, pouco faz para que se esclareça o tipo de função que a escrita em primeira pessoa desempenha em um texto evidentemente filosófico, como é o caso de *Ecce Homo*.

De fato, ao tomarmos em consideração a história do gênero autobiográfico,<sup>4</sup> percebemos que todo escrito dessa natureza excede de alguma forma o mero ato de escrever sobre si mesmo. São textos que possuem uma espécie de excesso, uma determinada *função*, mesmo que não intencional, que os leva a atuar para além do contexto individual do autor, dando suporte a outros tipos de efeito. Como exemplo disso teríamos as *Confissões* de Agostinho, que se transfiguram em hinos de louvor; a obra *Mein Leben* de Richard Wagner, redigida a pedido do rei Ludwig II da Baviera, ou, contemporaneamente, os *relatos de passe* na psicanálise lacaniana, que levariam ao reconhecimento por parte da comunidade de que uma análise chegou ao fim, processo no qual o analisante passa a poder assumir a posição de analista. Em última instância, que um texto termine em publicação,<sup>5</sup> implica na presença de um passo que excede o ato de narrativa de si para si e se direciona de diferentes formas ao outro.

A natureza desse excesso no contexto de cada obra é o que determina sua peculiaridade. Com isso chegamos à questão de qual seria o excesso singular do texto de *Ecce Homo*. Nossa hipótese, a ser desenvolvida nas páginas seguintes, é a de que a narrativa de si retrospectiva de Nietzsche direciona-se à fundamentação do que chamamos de uma tarefa

---

<sup>2</sup> Essa caracterização está presente, por exemplo, em: Gasché 1985, Silverman, 1985, Wright, 2006 e, até certo ponto, em Derrida, 1984/2005.

<sup>3</sup> Do grego, *αὐτός* - *autos* ‘eu’ + *βίος* - *bios* ‘vida’ + *γράφειν* - *graphein* ‘escrita’. É possível que o ato de escrever acerca de si mesmo seja tão antigo como a própria escrita, no entanto, a autobiografia como gênero literário começa a receber atenção apenas a partir do final do séc. XVIII e início do séc. XIX. Segundo o *Oxford English Dictionary* (1989), o primeiro registro conhecido do termo ‘*autobiography*’ em língua inglesa teria ocorrido no jornal *Monthly Review* em 1797: “It is not very usual in English to employ hybrid words partly Saxon and partly Greek: yet *autobiography* would have seemed pedantic”.

<sup>4</sup> Para uma análise das diferentes funções da escrita de si, com ênfase na história da filosofia, cf. Foucault (1994) e Muricy (2017).

<sup>5</sup> Embora *Ecce Homo* tenha sido efetivamente publicado apenas postumamente em 1908, o manuscrito já se encontrava em um estado avançado de edição no momento em que Nietzsche sofre seu colapso nervoso no início de 1889. Sobre os pormenores da história editorial de *Ecce Homo*, cf. Sommer, 2013, p. 325 e seguintes.

(*Aufgabe*) filosófica, situada na fronteira entre o *tornar-se o que se é* e a *transvaloração dos valores*, tarefa que, por sua vez, oferece retroativamente a possibilidade de dar sentido à escrita mesma. Essa descrição desenha um cenário de temporalidade complexa, sobretudo no que se refere ao papel do futuro para a noção de tarefa: um futuro apreensível, como suposto ao assumir a “intencionalidade” de uma tarefa, representa no limite o risco de uma filosofia determinista, ao passo que a impossibilidade de pensar em avanço retira o sentido mesmo da noção de tarefa. Diante disso, para oferecer um tratamento filosófico adequado a esse cenário, faremos uso do conceito de *futuro anterior*, de forma a poder compreender a simultaneidade de movimentos prospectivos e retrospectivos no texto, sem que isso implique em uma paradoxalidade bruta e na perda de força do valor filosófico de *Ecce Homo*.

### **Intencionalidade e Antecipação**

Ao lermos o subtítulo de *Ecce Homo* – “como tornar-se o que se é”<sup>6</sup> – esperamos, já de início, que essa questão seja respondida em algum momento no decorrer do texto. Em termos narratológicos, pode-se dizer que expectativa se funda na tensão entre o caráter determinado do futuro da narrativa e o caráter indeterminado e aberto do futuro do sujeito que lê: o livro já está escrito e com ele a resposta a essa pergunta, contudo, o momento futuro em que essa resposta será lida ainda não ocorreu.

Na medida em que o ato de leitura atravessa os primeiros capítulos da obra de 1888, deparamo-nos com o que até aqui poder-se-ia denominar de um exercício autogenealógico<sup>7</sup> por parte de Nietzsche. Contudo, embora seja possível conhecer diversos “traços de personalidade” próprios da figura do autor que se constrói no texto, muito pouco do que se lê contribui para uma resposta para a questão proposta no subtítulo, isto é, para que o leitor possa pensa-la para além da individualidade do filósofo. Ocorre uma espécie de incompatibilidade entre o uso do

---

<sup>6</sup> No original: *Wie man wird, was man ist*. Segundo a pesquisa de Viesenteiner: “o subtítulo de *Ecce homo* é emprestado por Nietzsche das *Odes Píticas* de Píndaro, em especial a segunda das “*Odes*” dirigidas a Hieron que reza “*Genoi’ hoios essi mathon*” [tradução aproximada: “seja o que você conhece que você é.” R.S.Z]. No entanto, Nietzsche transcreve a ode de Píndaro erroneamente – talvez de propósito – pois não inclui a palavra *mathon*, que por sua vez, alude à medida, ao conhecimento ou ao aprendizado no contexto da frase de Píndaro.” (2010, p. 101)

<sup>7</sup> O termo ‘autogenealogia’ surge a partir de uma hipótese desenvolvida recentemente na *Nietzsche-Forschung* (Cf. Müller, 2015; Paschoal, 2015 e Viesenteiner, 2016) que afirma que o exercício genealógico que Nietzsche desenvolve na obra *Genealogia da Moral* (1887) com vistas à cultura seria semelhante ao modo como ele se debruça historicamente diante da própria vida em *Ecce Homo*. Poder-se-ia argumentar que as designações ‘autobiografia’ e ‘autogenealogia’ seriam mutuamente excludentes, pois Nietzsche teria aberto críticas a outras propostas autobiográficas que de fato seriam totalmente incompatíveis com o conteúdo de *Ecce Homo*, como, por exemplo, o livro *Mein Leben* de Wagner. No presente texto não compactuamos com essa incompatibilidade, pois cremos oferecer um tratamento singular do termo autobiografia para a obra de Nietzsche, de modo a evitar inseri-lo indevidamente em uma tradição que não o pertence.

pronome impessoal ‘se’ (*man*) no subtítulo e a singularidade das vivências que se descrevem no texto. A alusão a esse tipo de resposta culmina de forma abrupta no parágrafo 9 do capítulo *Por que sou tão inteligente*, que começa da seguinte forma:

Neste ponto já não há como eludir a resposta à questão de como *alguém se torna o que é*.<sup>8</sup> E com isso toco na obra máxima da arte da preservação de si mesmo — do *amor de si* ... Pois admitindo que a tarefa, a destinação, o *destino* da tarefa ultrapasse em muito a medida ordinária, nenhum perigo haveria maior do que perceber-se *com* essa tarefa. Que alguém se torne o que é pressupõe que não suspeite sequer remotamente o *que é* (EH Por que sou tão inteligente 9)

O problema da intencionalidade<sup>9</sup> surge, sobretudo, a partir da forma como o ‘tornar-se o que se é’ é aqui exposto como *tarefa*.<sup>10</sup> Considerado como tal, é natural que questionemos *como* fazê-lo, pois uma tarefa é comumente pensada como uma meta a ter sua realização no futuro, para a qual o sujeito despende um esforço intencional. No entanto, em um segundo e mais atento olhar, percebemos que tal relação de antecipação não está necessariamente presente no discurso de Nietzsche. Ao iniciar o parágrafo estabelecendo o estatuto de destino da tarefa do tornar-se, ele a desloca do suposto lugar de objeto do querer, como se afirmasse que se trata de algo que recai no sujeito de modo a se fazer compreender apenas em um perigoso e possivelmente indesejável momento de autopercepção. Trata-se do deslocamento desse tipo de questão do âmbito do desejo para o âmbito da necessidade.

Ao avançarmos na leitura do parágrafo, vemos se consolidar uma segunda quebra de intencionalidade, que não se refere à possibilidade de assumir a tarefa para si, mas sim de realizá-la intencionalmente. Supondo que alguém, por meio da mais absoluta necessidade, tenha se compreendido com a tarefa de tornar-se o que se é, e, em seguida, se lance à busca de autenticidade por meio do conhecimento de si, diante desse cenário, Nietzsche lança uma

---

<sup>8</sup> É relevante notar que Nietzsche retoma nesse momento o uso do pronome impessoal *man*, em contraste com a narrativa em primeira pessoa que vinha se construindo até então. Para uma análise mais pormenorizada do uso de diferentes pronomes em *Ecce Homo*, cf. Langer, 2005, cap. 4.1.

<sup>9</sup> O problema da intencionalidade no *Ecce Homo* de Nietzsche já foi diretamente abordado no artigo de Viesenteiner (2010). Trata-se de uma interpretação que se vale fortemente dos conceitos de *vivência* (em alemão *Erlebnis*) e *pathos* para indicar que o processo de tornar-se o que se é ocorre de forma não pré-determinada racionalmente. No presente texto, concordamos com a posição do autor e acrescentamos a seguinte nota: suspender a intencionalidade racional não significa que palavras empregadas por Nietzsche como “meta”, “sentido” e “querer” (EH Por que sou tão inteligente 9) percam todo o sentido possível. Em diferença a uma existência caótica, Nietzsche parece tentar descrever a ação de forças também “intencionais” de certo modo, mas que agiriam “sob a superfície” da consciência. Diante desse cenário advogamos a vantagem interpretativa da hipótese a ser desenvolvida nas páginas seguintes, pois o conceito de futuro anterior seria capaz justamente de transmitir o caráter simultaneamente antecipatório e não intencional da tarefa do tornar-se.

<sup>10</sup> Uma discussão sobre o que seria o conteúdo dessa tarefa encontra-se a seguir, quando tratarmos da questão da temporalidade do ‘tornar-se o que se é’ em *Ecce Homo*.

incisiva interdição: “que alguém se torne o que é pressupõe que não suspeite sequer remotamente o *que é*”. Trata-se de uma crítica à possibilidade do conhecer-se, mais precisamente da possibilidade de estabelecer o conhecimento de quem se é para, então, lançá-lo ao futuro como ideal e objetivo do tornar-se (ou ainda lançar à frente o que se deseja ser a partir daquilo que é identificado como falta em si). Por meio desta crítica Nietzsche se recusa a permitir que a instância do ser se torne de tal modo decisiva, que venha a subsumir a dimensão do tornar-se de forma a gerar desequilíbrio na fórmula paradoxal que representa o subtítulo de *Ecce Homo*. A antecipação do resultado do tornar-se é a captura da abertura do devir e a sua aceleração para um estado que é passado, conhecido, no qual o sujeito já se coloca de antemão em uma posição a qual lhe é atribuído um lugar, um modo de ser. Intencionalidade com relação ao que se deseja ser representa o nascimento do ideal de si mesmo, associado por Nietzsche com as “palavras grandes, as grandes atitudes” ou moralmente como “amar o próximo, viver para outros” (EH Por que sou tão inteligente 9), que, ao cabo, termina por constituir uma medida conservadora da subjetividade. Aí onde se quer mudança está um instinto que no fim trabalha apenas pela manutenção de si mesmo.

Paradoxalmente, Nietzsche contempla a possibilidade de mudança somente quando a ideia do que o eu deveria ser é suspensa, na medida em que se mantém a “superfície da consciência limpa” do “querer” e das vistas a “um ‘fim’ e um ‘desejo’” (EH Por que sou tão inteligente 9). Quando, a esse nível de consciência, cria-se o espaço para o que se poderia chamar de os “desacertos na vida, os momentâneos desvios e vias secundárias, os adiamentos, as ‘modéstias’, a seriedade desperdiçada em tarefas que ficam além d’*a* tarefa” (EH Por que sou tão inteligente 9), torna-se possível que outras formas de organização comecem a surgir no âmbito disso que Nietzsche alude apenas de forma vaga como “a profundidade”, provavelmente com isso desejando se opor ao termo superfície, associado anteriormente à consciência.

Por fim, toda a expectativa gerada por Nietzsche em sua construção narrativa culmina neste ponto de ruptura da intencionalidade, tal como se sub-repticiamente ele comunicasse ao leitor: “isso que nos pomos a querer desde o início do livro não pode ser querido”. No fim das contas, todas estas construções fictícias expressam a impossibilidade de simples resolução da fórmula *tornar-se o que se é*. Se o si mesmo como unidade de conhecimento se coloca à frente como meta, não há transformação. Contudo, se não há uma “‘ideia’ organizadora” (EH Por que sou tão inteligente 9) que conduza a multiplicidade do corpo para “a tarefa dominante”, para o

“sentido”, então não há sujeito que vive.<sup>11</sup> É diante deste cenário de difícil equilíbrio que desenvolveremos nossa interpretação acerca do conceito de futuro anterior, como forma de oferecer um tratamento a essa fórmula nietzschiana que seja capaz de fazê-la trabalhar filosoficamente a partir de seu estatuto paradoxal, sem que com isso perca sua fluidez.

### O Conceito de Futuro Anterior

O conceito de futuro anterior tem sua origem a partir do tempo verbal que expressa um evento futuro que é anterior a outro evento também futuro. Esse tempo verbal constrói-se por meio da junção do verbo auxiliar ‘ter’ no futuro do presente – *terei* – com outro verbo no particípio passado – p. ex. *sido* –. Portanto, representa uma ação que ocorre no futuro, mas que é narrada como concluída, como “perfeita” (no sentido gramatical) em relação à outra ação futura.<sup>12</sup> Ao avançarmos a reflexão sobre esse tempo verbal percebemos a presença de uma estrutura perspectiva tripla, que será descrita a partir do esquema a seguir:



Tomemos como exemplo a seguinte frase: ‘quando escrever esse livro eu já *terei sido* mãe’. O primeiro ponto perspectivo dessa estrutura se refere ao tempo sempre presente da narração, tal como o momento em que ocorre o diálogo hipotético no qual alguém diz que ‘terá sido mãe’. O segundo ponto perspectivo se situa no futuro e indica o momento no qual ela situa a escrita do livro; como vemos, esse momento futuro se situa em linearidade com o passado e

<sup>11</sup> Em seu limite, a desagregação da multiplicidade dos instintos representa a morte do sujeito.

<sup>12</sup> Tecnicamente esse tempo verbal consta nos manuais de gramática da língua portuguesa como ‘futuro do presente composto (do indicativo)’, no entanto, decidimos pelo uso do termo ‘futuro anterior’, em primeiro lugar, por ser mais simples; em segundo lugar, por transmitir melhor a ideia de um tempo que congrega em si tanto prospecção quanto retrospecção; e, enfim, por ser mais próximo a como é denominado em outros idiomas (fr. *futur antérieur*, it. *futuro anteriore*, in. *future anterior or perfect*, al. *vollendete Zukunft oder Futur II*), o que facilitaria futuras interlocuções.

com o presente, o que, neste caso, indica que ele pode ser antecipado em suas características.<sup>13</sup> O terceiro ponto de perspectiva ocorre como retrospectiva virtual desse segundo momento futuro, ou seja, o momento da maternidade mesma, que, por sua vez, tem como consequência a possibilidade de afirmar que se “terá sido mãe” no momento em que se escrever o livro. Essa estrutura estabelece uma temporalidade não linear, uma vez que o evento o qual em futuro anterior “terá acontecido” (maternidade) nunca poderá ser situado longitudinalmente em uma determinada sequência de acontecimentos, pois dele não se conhece o “quando” nem o “onde” e ele é comunicável somente por via da retrospectão e afirmação de suas consequências em relação à um evento confirmador (escrita) que é sempre futuro.

Portanto, o futuro anterior é um conceito que permite transmitir em sua forma um momento temporal que se encontra na junção ou colisão entre prospecção e retrospectão. Este aspecto se torna talvez ainda mais claro por meio da comparação com outras estruturas verbais de descrição do acontecimento. Falar de algo que *fui* ou *era* estabelece a fixidez do sentido no passado que *não é mais*. Portanto, trata-se de uma forma discursiva que é própria para a transmissão do que se pode chamar de testemunho, ou seja, de um discurso que atesta aquilo que se fez transitório, cuja ausência determina a natureza do que está ainda vivo. Trata-se, no entanto, de um tempo que fala pouco acerca da natureza do *tornar-se o que se é* como tarefa, ou seja, como algo que se lança ao futuro como meta, mesmo que de forma não intencional como vimos anteriormente. Da mesma forma, a pura prospecção presente quando se escreve *serei* se mostra insuficiente, pois não permite espaço para o intercâmbio entre o futuro que se lança como destino daquilo que *tenho sido* até então, e o futuro que está aberto para confirmação somente em tempo póstumo, representado pelo que *tereido*. O que *será* – futuro simples – se distingue do que *terá sido* – futuro anterior – pois na segunda variante se adiciona um segundo evento prospecto em relação ao qual o primeiro evento futuro se perfaz. O futuro anterior possui conotação de destinação, repetição e realização somente como resultado da tensão entre incerteza e abertura do acontecimento da prospecção e a certeza do retrospecto, embora esse retrospecto seja lançado a frente em virtualidade, previsto para acontecer apenas em relação ao primeiro evento ao qual se concerne. Posto de outro modo, o futuro anterior lança um evento

---

<sup>13</sup> Embora passado e futuro simples estejam representados acima em contiguidade, a diferença nos tipos de linha em ambas as direções denota diferença em determinação dos acontecimentos. Do passado para o presente vê-se uma linha contínua, que indica que se pode tratar o passado como algo mais determinado, provável, impactante, cujos acontecimentos são interpretados sob a ótica da dureza e imobilidade. Do presente para o futuro vê-se uma linha tracejada, que indica algo a ser determinado e que sempre compreende a possibilidade da surpresa e do não-saber em antemão.

perfeito à frente, o qual terá seu sentido determinado pelo segundo evento virtual de confirmação, o qual, por sua vez, depende da existência do evento perfeito para ser possível. Desconsiderar esta relação de interdependência seria confundir a antecipação da retrospectão com a retrospectão mesma, ou a completude virtual do futuro anterior com a completude mesma do passado perfeito.

Com essas considerações buscamos extrair aspectos relevantes da temporalidade de um elemento puramente gramatical<sup>14</sup> e inseri-las em um uso filosófico que não necessariamente requer a presença literal deste tipo de estrutura verbal para se efetivar.<sup>15</sup> Tendo isso em mente, retomaremos no próximo item a discussão acerca da noção de *tarefa* em *Ecce Homo*, mas, desta vez, nos fazendo valer desse novo vocabulário para a apresentação das hipóteses próprias desse texto.

### **A Temporalidade da Tarefa de Nietzsche em *Ecce Homo***

Ao nos depararmos com a noção de tarefa e sua atmosfera em *Ecce Homo*, percebemos que não é simples determinar seu conteúdo ou até mesmo quais são as diretivas dessa tarefa para que seja possível pensá-la em sentido tradicional, como uma ação a ser tomada no futuro segundo alguma espécie de dever. Do ato de transvalorização ao “tornar-se o que se é”, veremos que talvez seja possível supor a existência de diversas tarefas no texto de *Ecce Homo*, ou até mesmo de uma tarefa de natureza complexa e multifacetada. Para além de seu conteúdo (ou até em virtude dele), interessa-nos ainda tratar da estrutura temporal mesma da tarefa, de modo a observar como se trata de uma noção que necessita pensar o tempo de acordo com critérios como abertura, destinação, etc.

---

<sup>14</sup> A possibilidade de emprestar estruturas temporais específicas de determinados tempos verbais é uma prática que, embora já presente anteriormente, foi devidamente teorizada nos trabalhos de Gerard Genette, como, por exemplo, em sua obra *Narrative Discourse*, na qual ele escreve: “we should organize, or at any rate formulate, the problems of analyzing narrative discourse according to the categories [i.e. tense, mood, voice] borrowed from the grammar of verbs” (1980, p. 30). Segundo esse autor, assim como a noção de voz narrativa em primeira pessoa empresta seu conceito analítico da conjugação dos verbos, da mesma forma a análise das estruturas das narrativas pode emprestar categorias temporais próprias dos tempos verbais.

<sup>15</sup> Talvez a primeira aparição relevante da noção de futuro anterior em filosofia tenha ocorrido na epígrafe da *Gramatologia* de Derrida, em referência ao futuro monstruoso que viria após o fim de uma época histórico-metafísica: “para este mundo por vir e para o que nele terá feito tremer os valores de signo, de fala e de escritura, para aquilo que conduz aqui o nosso futuro anterior, ainda não existe epígrafe.” (1967/1973, p. 6) Após Derrida, o futuro anterior tem sido evocado, por exemplo, para a interpretação da temporalidade específica da pós-modernidade (Kristeva, 1981; Lyotard, 1984), como emblema do evento em geral (Žižek, 2014) e o tempo verbal do tornar-se (Lacan, 1998, p. 301). Desconhecemos o uso anterior desse conceito para a interpretação da filosofia de Nietzsche.



Começaremos nossa investigação a partir da análise do primeiro parágrafo do prólogo, onde já de início se estabelece o duplo caráter antecipatório e narrativo do livro: “Prevendo que dentro em pouco devo dirigir-me à humanidade com a mais séria exigência que jamais lhe foi colocada, parece-me indispensável dizer *quem sou*” (EH Prólogo 1). Embora não fique claro ainda qual é o conteúdo da exigência que se apresenta, sabemos qual é a sua condição de realização: uma apresentação de quem se é. Trata-se de uma observação simples, mas que contém em si uma posição contundente com relação ao que é necessário para dar cabo a um projeto filosófico: que para isso é necessária uma implicação pessoal, assumir contextos absolutamente específicos de reflexão e que o pensamento seja contingente a um tempo. Outro aspecto a ser notado na sequência do parágrafo é a relação que esta tarefa possui com outros sujeitos:

Mas a desproporção entre a grandeza de minha tarefa e a pequenez de meus contemporâneos manifestou-se no fato de que não me ouviram, nem sequer me viram. Vivo de meu próprio crédito; seria um mero preconceito, que eu viva?... Basta-me falar com qualquer “homem culto” que venha à Alta Engadina no verão para convencer-me de que *não vivo*... Nessas circunstâncias existe um dever (*Pflicht*), contra o qual no fundo rebelam-se os meus hábitos, e mais ainda o orgulho de meus instintos, que é dizer: *Ouçam-me! Pois eu sou tal e tal. Sobretudo não me confundam!* (EH Prólogo 1)

Nossa hipótese aqui é a de que é possível extrair dessas palavras os primeiros elementos da estrutura temporal da tarefa esboçada no prólogo, tarefa que tem como momentos decisivos os atos de escuta que asseguram, no fim das contas, a própria vida de Nietzsche, senão dele, de seu nome. O filósofo afirma que vive do próprio crédito, como se, no momento em que escrevesse, não houvesse ninguém além de si mesmo para atestar sua presença. Trata-se aqui, acompanhando a interpretação de Derrida,<sup>16</sup> do evento autobiográfico por excelência, no qual a escrita de si não significa um momento de análise de si por si mesmo, como se fosse possível adentrar uma instância perspectiva exterior ao sujeito, mas sim o momento em que aquilo que se escreve tem como primeira escuta o escrevente, que nessa lógica circular mantém o próprio movimento, a própria linha de crédito até o momento em que não há mais força para escrever. No entanto, devido ao caráter futuro da tarefa, Nietzsche passa a depender de um *segundo* momento de confirmação pela escuta, mas que dessa vez não poderá mais ser sustentado por si mesmo – por isso o apelo ao ouvido do outro ao final do parágrafo. Esse apelo é necessário,

---

<sup>16</sup> “cette identité qu’il revendique, il ne la tient pas d’un contrat avec ses contemporains. Il la reçoit du contrat inouï qu’il a passé avec lui-même. Il s’est endetté auprès de lui-même et nous y a impliqués par ce qui reste de son texte à force de signature.” (1984/2005, p. 47)

pois o tempo de sua tarefa pode não ser congruente com o tempo de seu próprio corpo.<sup>17</sup> A realização da tarefa de Nietzsche descrita no prólogo não será realizada na medida em que ele *ouvirá* a si mesmo, mas sim na medida em que ele *terá sido* ouvido por aqueles aos quais dirige sua súplica.

Se passarmos para a análise do segundo parágrafo do prólogo, vemos que Nietzsche constrói um cenário de oposição, cujo pilar é o contraste entre sua figura e os “ídolos” e “ideais” relacionados ao “tipo de homem que se venerou como virtuoso” (EH Prólogo 2). *Ecce Homo* começa a se delimitar como obra que existe justamente para sustentar essa oposição entre Nietzsche e a moral a qual critica, sendo uma das maiores possibilidades do livro o fato de poder subsistir e fazer insistir a palavra até o suposto momento futuro quando poderá ter sido ouvida. O livro passa a valer por Nietzsche, emprestando sua fisicalidade e criando uma relação de parentesco com ele, que se sustenta pela presença da assinatura de seu nome. Nietzsche outorga ao livro a tarefa de sustentar essa oposição adiante, isso com base no fato de que o livro e o corpo de Nietzsche possuem durabilidades diferentes, logo, duas relações diferentes com a morte. Cria-se, então, um peculiar cenário temporal: a tarefa de Nietzsche, que se sustenta por sua figura, estende-se para um tempo além daquele próprio de um corpo. Talvez seja possível dizer que se trate de uma peculiaridade própria de toda autobiografia, pois o tempo do corpo ‘bios’ não é o mesmo da escrita ‘graphein’.

As coisas se tornam mais complexas se levamos adiante essa reflexão a partir do que se lê no parágrafo 4 do prólogo, onde Nietzsche levanta a questão do legado de seu personagem Zarathustra. Embora sejam obras distintas em vários aspectos, a citação de *Zarathustra* em *Ecce Homo* entra em ressonância com o tom dos parágrafos anteriores, no que se refere ao efeito e a função que o escrito tem para o futuro:

Agora prossigo só, meus discípulos! E vós também, ide embora sós! Assim o quero. Afastai-vos de mim e defendei-vos contra Zarathustra! Melhor envergonhai-vos dele! Talvez ele vos tenha enganado.  
O homem do conhecimento deve poder não somente amar seus inimigos, como também odiar seus amigos.  
Retribui-se mal a um mestre, continuando-se sempre apenas aluno. E por que não quereis arrancar louros da minha coroa?  
Vós me venerais: mas e se um dia vossa veneração *desmoronar*? Guardai-vos de que não vos esmague uma estátua!  
Dizeis que acreditais em Zarathustra? Mas que importa Zarathustra: Sois os meus crentes, mas que importam todos os crentes!  
Ainda não vos havéis procurado: então me encontrastes. Assim fazem todos os crentes; por isso valem tão pouco todas as crenças.

---

<sup>17</sup> “Nascer póstumo” (EH, Por que escrevo tão bons livros 1) significaria neste contexto que a escuta derradeira daquilo que se diz só pode ocorrer para além do tempo de vida do próprio corpo.

Agora ordeno que me percais e vos encontréis; e somente quando me tiverdes todos renegado retornarei a vós... EH, Prólogo 4

Até este momento no prólogo, construía-se uma estrutura antecipatória que se baseava em palavras como *dever*, *tarefa*, *exigência*, etc., que evocam imediatamente a ideia complementar de realização disso que é devido. No entanto, a citação de *Zarathustra* inserida no fim do prólogo estabelece uma relação de antecipação que difere dessa do dever simples, pois traz consigo palavras de ordem que, por assim dizer, suprimem a si mesmas. Essa dinâmica se faz perceber em dois momentos principais da citação: “retribui-se mal a um mestre, continuando-se sempre aluno” e “ordeno que me percais e vos encontréis; e somente quando me tiverdes todos renegado retornarei a vós”. A partir dessas duas frases, podemos distinguir entre ao menos duas categorias de palavras de ordem, por exemplo: “me *encontrais*” é um juízo normativo diferente de “me *percais*”. Na primeira frase, fica estabelecido de forma claro o objetivo do buscar; ao passo que na segunda variante, a palavra de ordem é proposta negativamente, em uma formulação paradoxal, que intercepta a si mesma antes de se estabelecer como dominação. A condição que *Zarathustra* estabelece para o encontrar a si mesmo é que o percam, que parem de tomá-lo como profeta, logo, como orientador normativo, desta forma, esse “encontro de si” se dá em contingências não intencionais. (pois como seria possível perder algo de propósito?)

Nosso argumento é de que essas considerações acerca dessa espécie de estrutura normativa podem ser úteis para compreender também o ato de “tornar-se o que se é” como tarefa, que pressupõe uma estrutura temporal de antecipação que a situa em um momento futuro sem conteúdo, mas com consequências, tal como também está presente na frase “somente quando me tiverdes todos renegado retornarei a vós”.

Retornaremos então à análise do parágrafo III 9 de *Ecce Homo*. Como vimos, trata-se de uma passagem marcada pela assertividade de Nietzsche ao dizer “que alguém se torne o que é pressupõe que não suspeite sequer remotamente o *que é*”, que interpretamos como a afirmação da impossibilidade de perfazer esse processo pelas vias da intencionalidade. Contudo, observamos nesse parágrafo a coexistência deste tipo de suspensão da intencionalidade com palavras que, em semelhança ao que foi lido no prólogo, aludem a noções como “‘fim’, ‘meta’ e ‘sentido’” (EH Por que sou tão inteligente 9). Portanto, o que se cria é o cenário paradoxal,

no qual a afirmação de um caminho desinteressado leva, em última instância, à “chegada” a um estado que já se contemplava como meta.<sup>18</sup>

Nietzsche constrói um cenário de tensão temporal que surge a partir da coexistência do marco organizado da tarefa e da sua ausência de conteúdo decorrente da impossibilidade de se perfazer de modo intencional (a partir de esforço consciente). Trata-se de uma tensão passível de tratamento a partir do conceito de futuro anterior, pois embora esse tempo verbal não esteja presente de forma literal, ele é denotado conforme a estrutura narrativa do texto que pode ser compreendida em retomada dos três diferentes pontos perspectivos descritos no item anterior: em primeiro lugar, temos o momento presente, identificado como o momento de enunciação, a partir do qual se antecipa e se lança a tarefa; em segundo lugar, temos a descrição de uma trajetória “miraculosa”, na qual os instintos de transformação dominantes tiveram origem naquilo que havia de “tortuoso”, “secundário” e “auxiliar” no sujeito. Esse momento, não antecipável, tem como consequência o ato de “transvaloração”, compreendido de acordo com uma noção de causalidade apenas suposta, pois, segundo Nietzsche, para ele, seriam para isso “necessárias talvez mais faculdades do que as que jamais coexistiram em um só indivíduo” (EH Por que sou tão inteligente 9). O que temos é um esquema, no qual a tarefa realizada é passível de ser antecipada em sua completude, mas, no entanto, sua causa jaz em eventos que não podem eles mesmos ser antecipados.

Todas essas considerações estão de alguma forma contidas na sentença ‘eu terei me tornado’,<sup>19</sup> no qual o ato de tornar-se é antecipado, mas seu “como” se mantém em aberto.<sup>20</sup> O conceito de futuro anterior pode dar conta do que é inesperado dentro da fixidez de uma estrutura de linguagem determinada. O inesperado ou o imprevisível representam as posturas de abertura do sujeito para que seja guiado pelo próprio desejo, que relacionamos com a descrição de Nietzsche da “ideia organizadora” que orienta de forma tortuosa a construção das “capacidades isoladas que um dia se mostrarão indispensáveis ao todo” (EH Por que sou tão inteligente 9).

---

<sup>18</sup> Outro detalhe significativo a ser notado é o uso de aspas que Nietzsche emprega ao aludir a termos como “fim”, “meta” e “sentido”, o que denota no mínimo uma alteração ou especialidade no sentido dessas palavras, fato que nos incentiva a oferecer também um tratamento filosófico não convencional a elas.

<sup>19</sup> Ou ainda ‘eu terei transvalorado’, pois Nietzsche parece nunca deixar clara uma separação entre esses dois eventos em *Ecce Homo*.

<sup>20</sup> A título de interlocução, vale citar que, para a psicanálise, esta é uma questão fundamental, pois no processo de análise não cabe a antecipação dos modos de uma cura, muito menos por parte do analista. Lacan aborda essa temática nos *Escritos*, justamente por intermédio do conceito de futuro anterior: “Eu me identifico na linguagem, mas somente ao me perder nela como objeto. O que se realiza com minha história não é o passado simples daquilo que foi, uma vez que ele já não é, nem tampouco o perfeito composto do que tem sido naquilo que sou, mas o futuro anterior do que terei sido para aquilo em que me estou transformando” (1998, p. 301).

Observamos, contudo, que o espaço para o inesperado se apresenta mais em relação ao que chamamos de conteúdo do acontecimento do que em relação a sua estrutura, pois a noção de tarefa pressupõe certa determinação das consequências do que terá acontecido. Uma vez que Nietzsche implica no futuro dessa tarefa o impacto da própria imagem de si no texto, podemos avançar nossa reflexão ao ponto de afirmar que a abertura – ou fechamento – do futuro é, em partes, reflexo da relação entre o leitor e o escrito de Nietzsche. Se a autobiografia é uma escrita sobre si e para si,<sup>21</sup> logo, o primeiro momento da leitura pertence sempre ao autor, sendo atribuída ao “próximo” leitor sempre uma segunda perspectiva. Um dos efeitos disso é que menções ao futuro no interior da narrativa podem soar para o leitor como fazendo referência a seu próprio presente, como se, quando Nietzsche se dirigisse a leitores do porvir, fosse-nos lícito crer que esses leitores somos nós hoje. Trata-se do que parece ser uma espécie de interação entre duas temporalidades distintas: da leitura e da narrativa. Gary Saul Morton exemplifica o significado dessa dupla temporalidade em seu estudo sobre *Édipo*:

Por um lado, contemplamos a estrutura do todo e percebemos traços dela tão logo a trama se desenvolve. Por outro, nós também nos identificamos com Édipo e sua experiência a qual, tal como a nossa, é vivida sem o conhecimento do futuro. Sem tal identificação com o herói, provavelmente perderíamos o interesse pela peça. Nossa experiência com relação ao tempo em *Édipo* é, portanto, dupla: podemos imaginar como cada ato é experienciado, e também compreendemos o que eles “realmente” significam (1994, p. 61. Tradução nossa).

No caso de *Ecce Homo*, trata-se de um nível de performance mais intenso, pois o leitor se vê em posição de determinar o futuro do “próprio” Nietzsche.<sup>22</sup> Coloca-se como questão para o leitor se ele vai tomar a determinação desse futuro narrativo para si ou não; perpetuar ou não a tarefa vista em Nietzsche. Nesse momento, contudo, incide a dinâmica paradoxal de Zarathustra, vista no prólogo de *Ecce Homo*: enquanto o futuro de Nietzsche for procurado ou for assumido, seu nome continuará circulante, mas somente como o nome de um morto, que retira do tempo inclusive aqueles que tomam esse nome para si, pois não há reanimação ou presença possível de Nietzsche. O momento de vida e de completude da tarefa advém justamente quando seu nome é perdido e tomado apenas talvez como propulsão para a abertura

<sup>21</sup> “*E assim me conto a minha vida*” (EH, Preâmbulo).

<sup>22</sup> Ou ao menos de seu nome, uma vez que Nietzsche, como indivíduo, obviamente não existe mais. Cf. Derrida, 1984/2005, pp.43-4: “Mettre en jeu son nom [...], mettre en scène des signatures, faire de tout ce qu'on a écrit de la vie ou de la mort un immense parape biographique, voilà ce qu'il aurait fait et dont nous devons prendre acte. Non pas pour lui en faire revenir le bénéfice: d'abord il est mort, *lui*, évidence triviale mais au fond assez incroyable, et le génie du nom est là pour nous la faire oublier. Être mort signifie au moins ceci qu'aucun bénéfice ou maléfice, calculé ou non, *ne revient plus* au porteur du nom mais seulement au nom, en quoi le nom, qui n'est pas le porteur, est toujours et *a priori* un nom du mort.”

do futuro singular do leitor, em seus próprios termos. É preciso que o conteúdo da vida de Nietzsche descrito em *Ecce Homo* se perca em seu valor de orientação – os passatempos, livros, alimentos que faziam bem a ele não vão fazer sentido hoje; é preciso que a narrativa de Nietzsche complete seu movimento de autossupressão e reste apenas como vigor e diferença, como propulsão para que a filosofia ocorra no tempo do leitor ou ainda como aposta com relação ao que terá acontecido; e o preço para tudo isso é que o nome de Nietzsche seja perdido.

Essa temática encontra seu ápice em *Ecce Homo* justamente no último capítulo chamado “Por que sou um destino”, no qual se mostra mais claramente a dinâmica de impacto esperada para o livro, na forma de um momento *sem conteúdo* determinado, mas *com consequências* determinadas:

Conheço a minha sina. Um dia, meu nome será ligado à lembrança de algo tremendo — de uma crise como jamais houve sobre a Terra, da mais profunda colisão de consciências, de uma decisão conjurada contra tudo o que até então foi acreditado, santificado, requerido. Eu não sou um homem, sou dinamite (EH Por que sou um destino 1).

Percebe-se que a descrição de Nietzsche acerca disso que é “tremendo” não nos permite conjecturar acerca do que concretamente poderia vir a acontecer: palavras como “crise”, “colisão”, “contra”, etc., dão a entender sempre um processo de diferenciação com relação ao que foi “acreditado” e “venerado” até então e que Nietzsche faz questão de diagnosticar não só em *Ecce Homo*, mas também em muitas outras obras. Por se tratar de um processo de diferenciação ele se mantém em abertura,<sup>23</sup> seja em relação a como isso irá proceder, mas também a quem irá dar cabo a isso, para além da presença de Nietzsche. Contudo, pela presença da estrutura do futuro anterior, temos que a consequência desse evento aberto é antecipada por Nietzsche: seu nome será lembrado. O fato de que o nome de Nietzsche estará envolvido lança uma espécie de atmosfera determinante com relação a esse evento, mas que não restringe sua abertura, esse processo que parece impossível e contraditório é possível somente porque consideramos a complexidade da temporalidade de sua tarefa.

Nietzsche engendra uma forma de falar do futuro de modo a não estabelecer previsões que comprometem a essência do processo transvalorador. Caso se tratasse apenas de uma predição, a própria crise estaria determinada, e a filosofia da abertura de Nietzsche perderia seu poderio criador. O texto estruturado como futuro anterior possui uma forma de prospecção que leva em conta a categoria do inesperado, tal como possivelmente Bergson já teria notado:

---

<sup>23</sup> Não se prevê a posição dos estilhaços após a explosão de uma dinamite.

‘Eu não posso prever o que irá acontecer’, diz Bergson, ‘mas eu prevejo que eu o terei sabido’. Essa previsão vazia oferece uma forma gramatical, o futuro anterior, que interliga a estrutura de um momento existencial, o engajamento com um enredo ficcional e a autoconsciência contemporânea de uma época (CURRIE, 2013, p. 67. Tradução nossa).

Trata-se de uma estrutura que gera ideias como “previsão vazia”, as quais, apesar da paradoxalidade, entendemos que possuem lugar possível no trabalho filosófico para o tratamento de questões como a complexidade da tarefa de Nietzsche.<sup>24</sup>

## Conclusão

Nosso experimento com o conceito de futuro anterior se fez de acordo com uma metodologia, na qual a estrutura paradoxal da escrita de Nietzsche pode ser abordada, sem a intenção de dissolução da tensão prolífica gerada por essa contraditoriedade. “Tornar-se o que se é” representa a colisão de duas categorias mutuamente excludentes na tradição filosófica, nomeadamente “ser” e “devir”<sup>25</sup>, e o trunfo do pensamento nietzschiano jaz precisamente na equiparação dessas duas instâncias, o que nos leva então para a necessidade de pensar para além delas, *por meio* delas. No momento em que uma interpretação procura “resolver” essa fórmula, atribuindo maior peso seja para um elemento ou outro, perde-se então toda a capacidade de efeito que um paradoxo pode gerar. Como categoria lógica um paradoxo pode não sobreviver, mas como categoria estética ele encontra sua possibilidade de atuação filosófica.

Para uma interpretação abrangente do estatuto autobiográfico de *Ecce Homo* se faz necessário compreender como estes dois âmbitos – ser e devir – se relacionam, ou seja, como uma escrita de quem *se é* ou *foi* fundamenta uma tarefa filosófica e como, por sua vez, essa tarefa dá sentido e guia essa escrita.

A análise de *Ecce Homo* à qual nos propusemos nos encaminha para um conceito de autobiografia que se encontra no colapso entre duas categorias: criação e descoberta. Por um lado, a evidência e confirmação do que se tem sido, por outro, a antecipação em futuro anterior de qual terá sido o destino dessas palavras. *Tornar-se o que se é*, em sua dupla dimensão como testemunho e tarefa, se mostra então como uma frase a partir da qual não se pode derivar

<sup>24</sup> Seria possível desenvolver – talvez em outra ocasião – a hipótese de que a própria palavra “destino” (*Schicksal*) é congruente com uma temporalidade própria do futuro anterior, pois se trata de um conceito que também dá conta de sintetizar antecipação e retrospectão (destino é tanto aquilo que se escreveu no passado como predição, como aquilo que se concretizará em tempo futuro).

<sup>25</sup> Essa lógica parece estar também implicada na estrutura verbal da língua, para a qual “foi” e “será” parecem ser equivalentes a “não é”, pois o momento do ser está intimamente ligado ao presente.

nenhuma palavra de orientação concreta, mas ao mesmo tempo, sem a qual não é possível pensar qualquer processo legítimo de transvaloração.

### Referências bibliográficas

CURRIE, Mark. *The Unexpected: Narrative Temporality and the Philosophy of Surprise*. Edinburgh University Press, 2013.

DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 1967/1973.

\_\_\_\_\_. *Otobiographies: L'enseignement de Nietzsche et la politique du nom propre*. Paris: Éditions Galilée, 1984/2005.

FOUCAULT, Michel. L'Écriture de soi. In: *Dits et écrits*, V. Paris: Gallimard, 1994.

GASCHÉ, Rodolph. Autobiography as Gestalt: Nietzsche's *Ecce Homo*. In: O'HARA, Daniel (ed.). *Why Nietzsche Now?* Bloomington: Indiana University Press, 1985, p. 271-90.

GENETTE, Gerard. *Narrative Discourse*. Basil Blackwell, 1980.

JENSEN, Anthony K. Ecce homo as historiography. *Nietzsche Studien*, v. 40, 2011, p. 203-225.

KRISTEVA, Julia. Women's Time. Trad. Alice Jardine. *Signs*, vol. 7, no. 1, 1978/1981, p. 13-35.

LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LYOTARD, François. *What is Postmodernism?* Minneapolis: University of Minnesota Press, 1978/1984.

MORSON, Gary Saul. *Narrative and Freedom: The Shadows of Time*. Yale University Press, 1994.

MÜLLER, Enrico. "Zwischen Genealogie Und Autogenealogie. Zur Philosophischen Selbstdarstellung Im Spätwerk Nietzsches". *Sofia*, vol. 4, no. 1, 2015, p. 17-38.

MURICY, Katia. *Ecce Homo: a autobiografia como gênero filosófico*. Coleção Pequena Biblioteca de Ensaio. Rio de Janeiro: Zazie Edições, 2017.

NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo: Como alguém se torna o que é*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

PASCHOAL, Antônio Edmilson. Autogenealogia: Acerca Do "Tornar-Se o Que Se É." *Dissertatio*, vol. 42, 2015, p. 27-44.



SILVERMAN, Hugh J. The Autobiographical Textuality of Nietzsche's *Ecce Homo*. In: O'HARA, Daniel (ed.). *Why Nietzsche Now?* Bloomington: Indiana University Press, 1985 p. 141–51.

SOMMER, Andreas Urs. *Kommentar zu Nietzsches Der Antichrist, Ecce Homo, Dionysos-Dithyramben, Nietzsche contra Wagner*. Berlin: De Gruyter, 2013.

The Oxford English dictionary. Volume 1, A - *bazouki*. Clarendon Pr., Oxford, 2. ed. edition, 1989.

VIESENTEINER, Jorge Luiz. Autogenealogia e Reivindicação de Objetividade Moral Em Nietzsche. *Philosophos*, vol. 21, no. 2, 2016, p. 127–59.

\_\_\_\_\_. O problema da intencionalidade na fórmula “como alguém se torno o que se é” de Nietzsche. *Dissertatio*, vol. 31, 2010, p. 97-117.

WRIGHT, J. Lenore. *The philosopher's "I": autobiography and the search for the Self*. State University of New York Press, 2006.

ŽIŽEK, Slavoj. *Event: A Philosophical Journey through a Concept*. Brooklyn: Melville House, 2014.